

Putin e Trump: A Sombra Autoritária e a Sombra Populista na crise da democracia contemporânea

Ariel Finguerut¹; Thayris de Oliveira²

Resumo: Muitos analistas contemporâneos não hesitam em diagnosticar a ascensão de Donald Trump nos EUA e o momento da Rússia de Putin como um recrudescimento de regimes autoritários. Pesa sobre o primeiro a sombra populista e sob o segundo o autoritarismo, embora ambos declarem juras de amor à democracia. As marcas populistas e autoritárias não são estranhas a história política dos EUA e da Rússia respectivamente. Nossa proposta neste artigo é caracterizar e discutir algumas destas marcas debatendo similaridades e possíveis aproximações entre o perfil político do líder russo e o atual presidente dos Estados Unidos.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma comparação, de forma exploratória e introdutória, entre a Rússia contemporânea de Vladimir V. Putin com os Estados Unidos da América (EUA) de Donald J. Trump. Dessa maneira, será possível discutir possíveis afinidades e diferenças entre os dois governantes e discutir a relação entre suas posições, estilos políticos e um quadro geopolítico mais amplo que projeta estas duas grandes potências no século XXI.

A ascensão dos EUA como uma Grande Potência está vinculada, diretamente, as suas relações de aliança, contenção ou confronto e antagonismo. Esta situação de antagonismo apenas se agravou com a Guerra Fria e a hegemonia conquistada pelos americanos pós-fim da URSS (União das Repúblicas Soviéticas Socialistas). Os principais estadistas, diplomatas e até mesmo secretários do Departamento de Estado da História Contemporânea como John Foster Dulles (governo Eisenhower), Henry Kissinger (Governos Nixon e Ford) e Condoleezza Rice (governo George W. Bush) dedicaram-se a compreender e a lidar com os russos seja como acadêmicos, diplomatas ou funcionários do governo estadunidense.

Aron (2002) ao estudar o auge da Guerra Fria argumenta que na polarização EUA/Ocidente vs. URSS/Socialismo levava o Ocidente a buscar a “paz sem vitória” enquanto os soviéticos mesclavam a ideia dos EUA como um inimigo nacional com a ideia de um inimigo ideológico. A perspectiva ideológica também era um norte da política externa dos Estados Unidos. Derrotar o regime soviético era mais importante que derrotar a própria URSS ou mesmo de forma mais ampla derrotar a ideia de um “império russo”. Aron enfatiza a importância de sobreviver e argumenta que a

¹ Doutor em Ciência Política, pesquisador do Projeto Sem Diplomacia (Programa de Pós Graduação San Tiago Dantas); Instituto Econômico e Internacional (IEEI) e Assessoria de Imprensa da UNESP.

² Graduada em Relações Internacionais.

modernização pode ser mais eficaz que o conflito bélico direto, cujos desdobramentos seriam desconhecidos e incontrolláveis. A sociedade industrial no contexto do início dos anos de 1960 excluía 2/3 da população mundial e nos termos de Aron (2002, p. 176): “com ou sem socialismo todos querem os benefícios da sociedade industrial” .

Apesar do *Soft Power* americano, de todas as promessas de consumo e conforto do “modo de vida americana” o risco de derrota do Ocidente sempre foi uma possibilidade concreta. O risco de derrota ou de conflito entre EUA e Rússia no passado também pode ser projetada para o conflito. George Friedman (2009), fundador da Stratfor³, enfatiza a geopolítica como uma variável constante em qualquer construção de cenários para conflitos e na projeção de cenários para a política internacional em 100 anos. Na projeção de 100 que desenha para os EUA, Friedman argumenta que os americanos estão ainda no alvorecer de sua projeção de poder. Os EUA seriam ainda um “adolescente” como grande potencial e como tal muitas vezes é inseguro, imaturo, tempestivo podendo até se comportar de forma “bárbara”, como um adolescente que a todo custo quer mostrar que está certo. Junto com este alvorecer do poder americano há um recorrente sentimento nostálgico e um medo permanente do declínio. O sentimento que “o melhor ficou para trás” é amplamente discutido (Lipset et al (1996), Lichtman (2009) e Himmelfarb (2001)) e se argumentado com certo consenso que depois de todas as transformações políticas, sociais e culturais dos anos sessenta, o sentimento de que “os melhores dias ficaram para trás” e que o excepcionalismo estadunidense morreu e a nação americana está dividida e em declínio ganharam força e recorrentemente voltaram com consequências políticas e econômicas.

Para Friedman (2002) a projeção geopolítica americana o permite ainda ser a grande potência militar e com estas duas variáveis – a geopolítica e o poder militar – os americanos projetam um controle marítimo que possibilita também o domínio do comércio, controlar acesso a mercados importantes além da vantagem política de eventualmente conseguir invadir outros países sem ser invadido. Apesar da ascensão econômica, por exemplo, da China que ameaça o controle dos mares no sudeste asiático ou mesmo dos riscos de mísseis balísticos atingirem o território estadunidense segundo Friedman (2009), os EUA seguem como uma “estranha mistura de enorme autoconfiança e insegurança”.

³ Empresa de consultoria criada em 1996, que monitora conflitos, projeta cenários e realiza análises de conjuntura.

Já se olharmos para uma projeção a partir da Rússia destaca-se novamente a prerrogativa geopolítica. Trata-se de um país de dimensão intercontinental e com recursos naturais. As fronteiras do território russo são ao mesmo tempo uma vantagem e um problema para Moscou. É uma vantagem, pois as grandes distâncias, o clima e a geografia protegem a capital, mas é também uma desvantagem, pois o exército russo também tem dificuldade de mobilização e deslocamento e na medida que as fronteiras russas avançam rumo a Europa igualmente aumentam as tensões com países fronteiriços. Ademais, com uma economia centrada na política energética que, por sua vez, depende de recursos naturais e de assegurar suas matérias primas demanda um crescente poder militar. Autores como Ross (2008) mostram a correlação entre dependência econômica da exportação de fontes fósseis (os hidrocarbonetos como o petróleo e o gás) com concentração de renda, militarização e instabilidade, insegurança econômica.

Com mais poder militar e com projeção internacional (via política energética), a Rússia caminha segundo Friedman (2009) para uma trajetória de mais pressão sob a Europa, uma tentativa de recuperar sua influência (perdida com o fim da URSS), busca por aumentar e seguir em sua expansão e interferência em sua zona considerada de influência (avançando sobre áreas historicamente de sua proximidade como os países e regiões no Cáucaso, Ásia Central e Balcãs) e evitar coalizões anti-russas ou russófobas⁴ como muitas vezes aparece em declarações oficiais do Kremlin. A partir destas linhas gerais de projeção geopolítica autores como Friedman (2009), Sestanovich (2014) e Applebaum (2012) argumentam que a Rússia tende a realizar ações agressivas na tática, mas defensivas na estratégia. Neste ponto, alguns países têm um peso estratégico, como é o caso da Ucrânia, que por sua proximidade e a vulnerabilidade da fronteira não poderia na visão russa, ser governada por um inimigo. Friedman compara a sensibilidade russa em relação à Ucrânia com o caso do México para os EUA.

A visão russa é também pautada pelo antiamericanismo enxergando os EUA como uma força intervencionista, anti-russa, que estaria sempre disposta a financiar e manipular atores propensos a desestabilizar seus interesses. O Kremlin está sempre preparado a atribuir responsabilidade aos EUA quando, por exemplo, a OTAN ameaça a Rússia ou quando sobre resistências civis em países de sua influência (como por exemplo, na Geórgia ou na Ucrânia).

⁴ Cf. por exemplo < <https://themoscowtimes.com/news/top-russian-officials-brand-flynn-resignation-russophobic-paranoia-57141> > Acessado em 24/07/2017.

A estratégia russa tem sido de se proteger e denunciar seus inimigos – os EUA principalmente – e neste processo como argumenta Applebaum (2012), a Rússia investe em intensa manipulação e propaganda voltada para os grupos e populações étnicas que são “pró-Rússia” somada a uma disposição a ajudar principalmente militarmente regimes antiamericanos. Com base nestas duas variáveis, assegurar e expandir “uma grande Rússia” e manipular o antiamericanismo e sua própria ideia de identidade nacional é que temos uma Rússia revisionista tanto em termos de seu passado – como URSS – mas repensando seu status de poder no século XXI.

Vladimir Putin – A sombra autoritária na Rússia

Segundo as pesquisadoras Michele Rivkin-Fish e Elena Trubina (2010), a literatura é um elemento fundamental para compreender a identidade russa. A Rússia é um país de leitores e tem uma cultura centrada na literatura. Os mitos são importantes em qualquer construção de identidade nacional e particularmente ganham peso político na mobilização étnica. No esforço revisionista e de nova projeção, a Rússia investe na construção de uma identidade nacional que ao contrário dos tempos da URSS, onde havia uma ideologia internacionalista e mesmo ateísta, a identidade nacional russa contemporânea projeta-se em paralelo a identidade religiosa, o cristianismo ortodoxo russo e é nacionalista, enfatizando o protagonismo da língua russa e o senso de pertencimento. Segundo Vera Tolz (2010) as cinco ideias básicas na formação da identidade russa são:

- 1) Ser russo é fazer parte de um Império de estados supranacionais;
- 2) Ser russo é fazer parte do mundo Pan-Eslavo;
- 3) Ser russo é participar de uma comunidade de falantes da língua russa;
- 4) Ser russo é uma questão racial;
- 5) Ser russo é ter uma cidadania e assim ser leal ao Estado e a constituição da Federação Russa.

Neste contexto, compreender a década de 1990 torna-se fundamental porque foi neste período em que houve a transição política da Guerra Fria para a atual ordem. A Rússia encontrava-se em um momento de reconstrução, visto que a base que sustentava a identidade da nação, bem como, a sua influência internacional e império fora desfeita

com a desintegração da URSS (SEGRILLO, 2008; SUNY, 2008; KULIKE E AGUILAR, 2014; TSONCHEV, 2017). Tsonchev (2017) afirma que o socialismo – como ideologia política – serviu para legitimar o sistema político soviético, bem como seu expansionismo em todo mundo. Neste sentido, o marxismo era motivo de orgulho nacional porque corroborava com o pensamento de que os russos constituíam-se como um povo excepcional, justamente, por ter sido o primeiro país a aplicar na prática os fundamentos da teoria de Marx tanto na sua esfera política quanto econômica. Ademais, a política externa era voltada para difundir a ideologia soviética pelo globo e impedir a intervenção ocidental nas repúblicas soviéticas e nos países que estavam sob sua zona de influência (SUNY, 2008; KULIKE E AGUILAR, 2014).

O colapso da URSS culminou em quinze Estados Independentes que acabaram, cada vez mais, se aproximando do Ocidente devido à necessidade de se inserir no contexto internacional, adequando-se ao capitalismo (com a abertura econômica) e absorvendo o modelo democrático de governo (KULIKE E AGUILAR, 2014; TSONCHEV, 2017). Com isso, a Rússia que era o centro da antiga União perdeu o seu poder de influência sobre as ex-repúblicas soviéticas porque como o domínio soviético era autoritário e a ameaça de intervenção era permanente, os estados procuraram distanciar-se da hegemonia russa, assim o país precisou se reposicionar no cenário geopolítico global.

Boris Yeltsin foi o primeiro presidente do país pós-URSS. Foi em seu governo que se deu início ao processo de transição do sistema socialista para um governo democrático e capitalista, o que não foi uma tarefa fácil para o governante. Em um primeiro momento, o Ocidente serviu de parâmetro para a implantação do sistema parlamentar e do liberalismo econômico no país, no entanto, as reformas e os princípios adotados não trouxeram ordem política e social saudável e, tampouco conduziram ao encontro de uma identidade genuína à Rússia (TSONCHEV, 2017).

A abertura econômica gerou uma instabilidade no país: empresas estatais, tidas como relevantes, foram privatizadas; houve um aumento considerável nos índices de desemprego e de pobreza, como também da violência, consumo de entorpecentes e corrupção. No aspecto político, a Rússia vivenciou o seu momento mais democrático: eleições livres e diretas, instituições democráticas, direitos políticos e multipartidarismo. Vale mencionar que durante este governo, houve o chamado “vácuo

geopolítico” porque a Rússia não possuía um direcionamento ideológico ou geoestratégico bem definido. Não existia a preocupação de manter ou ampliar a área de influência geopolítica, uma vez que o objetivo era afastar-se por completo de qualquer postura que remetesse a URSS, inserindo o país no mundo neoliberal capitalista (KULIKE E AGUILAR, 2014).

Em 1999, Yeltsin renunciou ao cargo e o primeiro-ministro de seu governo, Vladimir Putin, foi nomeado para assumir o seu lugar como presidente interino. A Era Yeltsin foi considerada – especialmente em seu momento final – o período de maior declínio econômico, fora dos tempos de guerra, na história da Rússia (SEGRILLO, 2008).

Foi neste contexto de crise que o atual presidente, Vladimir Putin surgiu com um discurso nacionalista propondo “lei e ordem”, recuperação do orgulho nacional e o resgate da Rússia como Grande Potência. Seu governo tem sido caracterizado por um período de bonança econômica e marcada pelo autoritarismo que coexiste como uma sombra ao regime democrático. Apesar de suas tendências autoritárias, este político possui grande estima entre a maioria dos russos e não é difícil compreender os motivos que levam esta população a admirá-lo. Quando o ex-agente da KGB chegou à presidência, o país vinha apresentando índices negativos de crescimento econômico – com exceção do ano de 1997 – e os salários/aposentarias estatais estavam sendo pagos com atraso devido o déficit orçamentário, no entanto, este quadro foi invertido em virtude das medidas tomadas durante o seu mandato (SEGRILLO, 2008; TSONCHEV, 2017).

Putin chegou ao poder um ano depois da crise financeira de 1998. De acordo com Segrillo (2008) esta crise desarticulou completamente o sistema financeiro russo, porém, teve o efeito benéfico colateral de obrigar a Rússia a reformar seu sistema bancário em direção mais saudável, segura e menos especulativa. Em contrapartida, justamente nos anos de 1999/2000, houve uma forte alta do preço do petróleo e como a Rússia é um dos maiores produtores e exportadores desta *commodity*, a consequência deste aumento de preço permitiu que Putin pudesse regularizar – paulatinamente – a dívida externa, a situação dos pagamentos em atraso, como também lançar-se em um programa de investimentos produtivos.

No ano de 2000, logo no primeiro turno, Putin foi eleito como presidente e outro ponto que o favoreceu – além da melhora econômica – foi o modo como este conduziu a campanha contra os chechenos no final da década de 1990. Durante os anos de 1994-1996, a guerra foi extremamente impopular e mal coordenada enquanto que em 1999, a mesma ganhou uma conotação de "guerra justa" (SEGRILLO, 2008). Isto se deve ao fato de que em agosto desse último ano, houve um ataque que deixou mais 300 civis russos mortos o que fez com que a população apoiasse a campanha de Putin para retomar a Chechênia dos terroristas (SEGRILLO, 2008; TSONCHEV, 2017).

Putin buscou recentralizar os controles administrativos da Rússia e os seus detratores o acusam de estar comprometendo a democracia no país pelo fato de serem empregados métodos autoritários como forma de governar. Putin justifica-se, alegando que esta recentralização se faz necessária em decorrência do período conturbado no governo Yeltsin, em que as inclinações centrífugas (como no caso da Chechênia) estariam ameaçando a unidade do Estado russo. As reformas lideradas por Putin culminaram em uma administração mais coordenada nos vários níveis de governo, minimizando a incoerência das leis regionais e nacionais. No entanto, os críticos asseveram que existe uma erosão dos valores democráticos dado que o governante e seus aliados impõem suas ideias, pelo fato de ser a maioria, enquanto a oposição dispõe de pouco espaço para se manifestar. A Freedom House⁵, em 2004, reclassificou a Rússia de "parcialmente livre" para "não livre", porém, os analistas russos utilizam o termo "democracia dirigida" para descrever o regime político atual do país (SEGRILLO, 2008). Isto significa que, formalmente, os mecanismos democráticos existem (Constituição, eleições, partidos de oposição, entre outros), todavia, na realidade, há uma série de possibilidades sutis que permitem que o presidente possa tomar medidas que seriam tidas como antidemocráticas em outra situação. Segrillo (2008) menciona que Putin (ou melhor, o judiciário russo) decidiu perseguir alguns oligarcas da Rússia que estavam, justamente, em oposição aos interesses do governo. De fato, estes oligarcas não foram processados por sua oposição política, mas por terem problemas com o Fisco. Assim, Putin justifica não há perseguição política, mas sim, aos delinquentes fiscais. Essa linha tênue entre a legalidade e ilegalidade e as tendências autoritárias constituem-se em um problema para o país.

⁵ Organização que realiza a classificação dos países de acordo com o grau de suas liberdades políticas e civis.

Alguns observadores constataam que esta situação não é algo que está atrelado à personalidade de Putin ou às dificuldades de um processo de transição democrática e sim, parte do passado político russo. Para estes, fora do período pós-soviético, a Rússia nunca teve um período realmente democrático. Para muitos observadores a “recaída” de Putin em um regime autoritário após o relativamente livre período Yeltsin não foi algo anormal e sim, uma volta ao padrão autoritário que, por sua vez, sempre fora dominante na história do país (SEGRILLO, 2008). Outra explicação sobre a transição da Rússia é a teoria da atração entre a democracia econômica e política, isto é, a noção que se um país se abrir economicamente a democratização torna-se consequência. Assim, notamos que isto não ocorreu com a Rússia: a era Yeltsin, como mencionamos, foi o momento em que o país migrou para capitalismo com uma forte abertura de mercado, principalmente, do mercado interno russo à competição estrangeira. Esta abertura econômica não levou a uma democracia política consistente, sendo sucedida pela era autoritária de Putin.

De acordo com Segrillo (2008), as condições políticas e econômicas do período Putin parecem ter sido uma reação às condições específicas da época Yeltsin que, por sua vez, conflitaram com alguns componentes históricos da identidade russa. O primeiro componente é a tradicional controvérsia entre ocidentalistas e eslavófilos. No século XVIII, a Rússia se dividiu entre os que defendiam reformas modernizantes e os que afirmavam que o país era uma civilização única, distinta das que estavam ao oeste e, por isso, deveria seguir o seu próprio caminho ao invés de replicar modelos ocidentais. Como esta busca pela verdadeira identidade russa perdura até hoje, a era Yeltsin foi tida como pró-ocidental dentro deste pêndulo de “ocidentalistas vs eslavófilos”. Já era Putin é considerada, para muitos cidadãos, uma correção saudável nesse demasiado pendor aos modelos ocidentais (SEGRILLO, 2008).

Outro elemento histórico é o conceito de *gosudarstvennost* (estadismo) que se refere à percepção cultural de que o Estado russo está intrinsicamente atrelado à sociedade russa. Diferente do conceito liberal de que o Estado é possivelmente um inimigo das liberdades individuais na sociedade, o Estado russo é visto como imprescindível para o desenvolvimento da sociedade russa. Aos russos a noção que se tem é que o país só sobreviveu e chegou a ser um grande império pelo fato de ter centralizado e capaz de manter a unidade de seus elementos internos (SEGRILLO, 2008). Sendo assim, podemos concluir que Putin está ligado ao conceito de *gosudarstvennost*, assim como a maioria dos cidadãos do país e, por isso, as suas

iniciativas são aprovadas pela sociedade, visto que existe a percepção é de que o mesmo busca fortalecer o Estado para favorecer povo.

Além disso, Tsonchev (2017) constata que Putin ao assumir o comando do país, iniciou um processo de reconstrução do estado sem embasar-se em fundamentos de ideologias estrangeiras, como: democracia e liberalismo. Ademais, diferente de Yeltsin, não buscou obter apoio ou conselhos de analistas políticos e econômicos ocidentais, ao contrário, parece que este procurou redescobrir a excepcionalidade do modelo político russo. Putin encontrou no patriotismo enraizado no cristianismo a solução ideológica que consolidaria a sua autoridade, bem como reerguer o país. No entanto, isto não significa que o presidente converteu-se em cristão, pelo contrário, demonstra que este soube ser um político pragmático que viu na “fé correta” um meio de recuperar a identidade e manter a união de uma nação (TSONCHEV, 2017). Sua inspiração e apoio ideológico encontra-se no emigrante russo Ivan Ilyin, um pensador e publicitário de século XX. Para ele, a Igreja Ortodoxa oferecia um “terceiro caminho” para o desenvolvimento da Rússia sem se embasar no comunismo soviético e nem o liberalismo ou na democracia ocidentais. Segundo sua perspectiva, a Igreja é uma promotora e guardiã dos valores tradicionais russos e a única fonte verdadeira para a "renovação espiritual" do povo (TSONCHEV, 2017).

Segundo Tsonchev (2017), Ilyin é considerado um profeta pelo povo russo. Na década de 1950, Ilyin escreveu um ensaio – chamado: O que o desmembramento da Rússia implica para o mundo? –, onde previu o colapso da União Soviética e indicou maneiras para que o país se preservasse da influência ocidental. Este pensador não acreditava nas nações europeias e tinha a visão pessimista de que após o colapso da URSS, a Alemanha anexaria à Ucrânia e os Estados bálticos ao seu território, a Inglaterra tomaria o controle do Cáucaso e da Ásia Central e o Japão atacaria o Extremo Oriente da Rússia (TSONCHEV, 2017). No que se refere à democracia, Ilyin não a considera como forma política mais apropriada para um grande país como a Rússia. De acordo com a sua perspectiva, a Rússia era muito diversificada e a democracia não conseguiria preservar a sua unidade. Neste sentido, defendia a ideia de que a Rússia era uma nação especial e, por esta razão propôs como melhor forma de governança o que chamava de “Ditadura Nacional da Rússia”. Neste contexto, o poder central que ele idealizou não seria um regime totalitário e sim, uma regra autocrática similar à da antiga monarquia russa (TSONCHEV, 2017). Sob este regime, Ilyin afirmava que haveria

liberdade, mas não anarquia e o poder central – como o Leviatã Hobbesiano – serviria ao povo, assegurando a paz e ordem civil.

Dessa forma, podemos notar que as ideias de Ilyin influenciam a postura adotada por Putin. Observamos também que há uma espécie de fusão de religião e política no país, Tsonchev (2017) indica que isto, porém, não representa uma desidratação do Estado e da sociedade russa, pelo contrário, demonstra a recuperação e reinvenção de uma antiga forma de cesaropapismo que é tradicional para cultura e experiência política.

Ao longo dos séculos, antes do fim da monarquia, a Rússia se considerava um império cristão, a Terceira Roma, um sucessor de Bizâncio, o império euroasiático destruído pelos otomanos. Em Bizâncio, o imperador era o chefe de Estado e da igreja [...]

[...] Agora, no século 21, vemos como essas velhas ideias e mitologias são ressuscitadas e exploradas com sucesso pelo poder no Kremlin (TSONCHEV, 2017, tradução nossa)⁶.

Nesse sentido, percebemos Putin defende uma excepcionalidade como se a Rússia fosse diferente dos mais países, entretanto, dentro da Rússia não pode haver nem muitas nem grandes diferenças.

No âmbito internacional, Putin iniciou o ressurgimento da geopolítica russa. A estratégia de cooperação de Yeltsin deu lugar a um processo de recuperação do poder do Estado russo e sua consolidação como potência, de maneira que política externa da Rússia caracterizou-se por ter tido um movimento paulatino de recuperar o poder e a influência que possuía durante a Guerra Fria, processo que tenderia a se tornar cada vez mais evidente no cenário internacional com participação do país em processos eleitorais nas antigas repúblicas soviéticas com o intuito de eleger políticos ligados à Rússia e não ao Ocidente, alianças com a China, Irã e Índia, combate ao terrorismo, oposição ao EUA e anexação da Crimeia (KULIKE E AGUILAR, 2014).

Assim, notamos que a sombra autoritária apenas cresceu com o passar dos anos de Putin no poder. Segundo Peter Pomerantsev (2015), Putin montou um governo hostil a quase tudo que não é do “mundo russo”. Apresenta como pompa imperial e sempre que necessário manipula os sentimentos nacionalistas. A união entre as teses nacionalistas com as da excepcionalidade criam uma aparente contradição que pode

⁶ Texto Original: Over the centuries, before the end of monarchy, Russia considered itself as a Christian empire, the Third Rome, a successor of Byzantium, the Euro-Asiatic empire destroyed by the Ottomans. And now, in the 21st century, we see how these old ideas and mythologies are resurrected and successfully exploited by the power in Kremlin.

confundir parte considerável da opinião pública internacional. Se por um lado, a Rússia de Putin se apresenta como um contraponto aos EUA e, portanto na política internacional cria novas alianças e participa de articulações diplomáticas e mesmo cria novas organizações políticas internacionais alimentando a imagem de uma resistência ou mesmo de uma liderança de uma nova ordem multipolar.

Alguns autores sintetizam este processo como de “Russificação” dos países e territórios que um dia formaram a URSS. Lembrando que de toda União Soviética, pouco mais de 50% da população estava na atual Rússia. Neste processo ser russo (o elemento cívico) passa a se misturar com o elemento cultural assim, ser russo, passa a ser compartilhar de uma cultura russa e ter certos valores políticos como um senso de orgulho, compartilhar de uma memória coletiva e de certos privilégios e obrigações como consequências de um pertencimento e ligação com o Estado. Neste ponto destaca-se a repressão que grupos que fizeram parte da URSS que não são russos. Estes grupos têm sido reprimidos e tratados como uma ameaça a segurança nacional na era Putin. Dos Tchetchenos ao conflito na Geórgia - Ossétia do Sul, até o direito de dos imigrantes das ex-repúblicas soviéticas na Rússia passando pelo conflito na Ucrânia e na Síria, o governo Putin tem duas políticas migratórias, uma parece aberta e voltada para os grupos étnicos pró-Rússia que queiram voltar a “grande mãe Rússia” que precisam ser protegidos contra governos e atores russofóbicos e outra fechada e restritiva, que busca controlar atores domésticos que questionem a política do Kremlin.

Donald J. Trump - A Sombra populista nos EUA

A vitória de Donald Trump na eleição de 2016 foi recebida tanto nos EUA como na comunidade internacional com surpresa e receio. Trump fez uma campanha agressiva, divisionista, com muitas ofensas e sem poupar ataques tanto para o partido democrata como ao partido republicano. Em síntese, Trump se apresentava como um candidato antissistema e prometia outro *status quo*, no qual decisões seriam tomadas rapidamente, soluções econômicas viriam em pouco tempo e basicamente “A América voltaria a ser Grande Novamente”.

Trump poderia ser apresentado como um candidato conservador, na medida em que defende ideias do conservadorismo social; várias vezes utilizava-se da retórica da Guerra Cultural (“nós conservadores” vs. “eles liberais, socialistas, multiculturalistas etc.) e na reta final aproximou-se de nomes conservadores como seu vice Mike Pence,

como a ex-governadora do Alasca, Sarah Palin e bem como de alguns comentaristas e formadores de opinião populares do espectro conservador conduto, o chamado mainstream conservador não o apoiou e muitas vezes o critica. Trump também estrategicamente fez muitas vezes campanha como se fosse um candidato progressista, colocando –se como defensor do trabalhador comum, a voz do povo, prometendo um governo que será do povo e para o povo. Trump fala de uma agenda econômica protecionista, anti-globalização (promete sair de vários acordos internacionais, se coloca como crítico de acordos de livre comércio etc.), elege a geração e recuperação de empregos como uma prioridade mesmo que para isso tenha que resgatar políticas econômicas heterodoxas como o *American First* prometendo taxar produtos importados e priorizar produtos “feitos nos EUA”. Dentro do espectro direita / esquerda ou conservador/ progressista Trump mostra-se desinteressado em seguir a fórmula consagrada para ganhar eleições presidenciais nos EUA: primeiro mobilize sua base e para isso não exige -se uma retórica ideológica e o comprometimento com temas, agendas e bandeiras pouco consensuais, para em seguida caminhar para o centro conquistando o máximo de votos de um eleitorado independente, moderado ou mesmo disposto a oscilar em disputas polarizadas entre candidatos competitivos que são ou democratas ou republicanos; conservadores ou progressistas.

Se Trump teve uma fórmula eleitoral foi de primeiro destruir a base republicana para depois dividir a base democrata, ganhando no colégio eleitoral mas perdendo no voto popular por uma diferença de quase de 3 milhões de votos, quase perdendo em estados historicamente sólidos em apoio a temas conservadores, como Utah e Texas, e ganhou em estados progressistas como Pensilvânia e Wisconsin. Trump ganhou mudando as bases ideológicas e os mapas eleitorais cujos padrões serviram para eleger todos os presidentes desde pelo menos Richard Nixon em 1968. Por este contexto que alguns analistas classificam Trump não como conservador nem progressista, mas como populista⁷. Seu populismo é fruto principalmente pela postura, retórica e relação que estabelece com seus eleitores e com os demais atores políticos (a oposição, seu próprio partido, seus críticos, defensores, financiadores etc.). Trump apresenta características de um típico líder nativista/ populista, tal como historicamente retratado por autores como Hofstadter (1964), Berlet e Lyons (2000) e Desmond (2012): 1) anti-intelectualismo (guerra contra o establishment da mídia, contra o consenso acadêmico, os políticos

⁷ Cf. autores como Friedman (2017), Gerson (2017) e Frum (2017).

tradicionais e formadores de opiniões “politicamente corretos”); 2) antielitismo (ideia de que o sistema todo é corrupto porque é manipulado e esta serviço de poucos); 3) a manipulação das emoções, agindo de forma impulsiva, destemida propondo atropelar leis, instituições ou mesmo “os bons modos” e o “costume” em nome do povo e para o povo. Permeando este tripé e o colocando em funcionamento como uma espécie de combustível para esta máquina populista temos outras três características: 1) O uso de estratégias divisionistas, manipulando incertezas, espalhando rumores, notícias falsas, boatos, difamações. Acusando e pedindo a prisão, por exemplo, de seus opositores mas, ao mesmo tempo, negando qualquer ilícito quando acusado; 2) Propagação de teóricas conspiratórias como se fossem o resumo dos fatos, a grande síntese e a explicação que ajuda a criar “ bodes expiatórios” dentro de uma narrativa que funciona como um elemento incendiário para a ação política. 3) Carisma , um líder capaz de falar para milhares de pessoas que seja capaz de produzir intenso impacto nos seus eleitores/seguidores.

A diferença de Trump em relação a outros líderes e movimentos populistas/nativistas da história dos EUA, é que este conseguiu vencer. Outros movimentos foram muito populares, o Klu Klux Klan em seu auge teve milhões de filiados incluindo políticos do establishment democrata. O movimento nativista “Know Nothing” foi uma influencia importante na criação do partido Republicano em 1854. William Jennings Bryan, advogado, deputado democrata nas eleições de 1896 teve 47% dos votos perdendo para William McKinley por uma diferença de 600 mil votos. Eugene V. Debs, líder sindical, concorrendo pelo Partido Socialista dos EUA, teve 900 mil votos nas eleições de 1912. Há casos mais recentes, como na eleição de 1996, na qual o bilionário texano Ross Perot teve mais de 8 milhões de votos concorrendo por um terceiro partido, e o caso de Bernie Sanders, senador por Vermont com mais de 13 milhões de votos na primária de 2016 no partido Democrata.

Ser populista não é uma afirmação ideológica, é possível ser populista tanto ocupando um vácuo ideológico de direita ou de esquerda ou conservador/progressista⁸. O KKK, o *Know Nothing* ou mesmo o caso de Ross Perot estariam muito mais a direita enquanto Debs, Bryan e Sanders à esquerda. Esta discussão pode ser bastante polêmica

⁸ Weinstein (2003) argumenta que Walter Lippman , um jovem simpatizante do Partido Socialista dos EUA defendia que no auge da popularidade do Partido Socialista dos EUA, muitos candidatos , inclusive muitos pastores , reverendos e líderes religiosos buscavam os socialistas com uma plataforma progressista por que não tinham espaço em outras legendas. Neste ponto, Lippman discute se estrategicamente não seria mais interessante perder votos, mas ter um eleitorado, mas afinado com as ideias socialistas do que ter candidatos com mais votos mas sem afinidade ideológica.

e acalorada. Historicamente há autores que tentam fugindo do consenso, colocar líderes populistas de movimentos totalitários como Benito Mussolini e Adolf Hitler como líderes carismáticos que – de forma populista – ocuparam o espaço e se apropriaram do discurso da esquerda⁹.

Neste sentido a ideia de “*alt right*” funciona para explicar a nova base ideológica e de estratégia eleitoral produzida por Donald Trump. Em linhas gerais a “*alt right*” ou direita alternativa funciona mais como uma forma de criar comportamentos e tendências seja de protesto ou de afirmação que nasçam do comportamento online, ou seja, que as pessoas manifestam na internet quer seja em redes sociais, blogs, fóruns de discussão, e-mails e sessões de comentários de sites de notícias. Neste contexto literalmente vale tudo, de misoginia, antissemitismo, racismo, apologia a crimes hediondos etc. E muitos nomes conhecidos da “extrema direita¹⁰” se reinventaram como “direita alternativa”.

A postura de Trump, ao contrário digamos de um candidato tradicional que iria recuar, negar apoio ou rechaçar o que seria inaceitável, o candidato republicano adotou uma postura conivente e condescendente, como se o “povo” tivesse sempre razão, e seu comportamento fosse apenas à expressão de um esgotamento político no qual ele - Trump - seria o herdeiro e única possibilidade de mudança.

Viciado numa cultura política de polarização, manipulação e nativista, os “fins podem justificar os meios” e uma ajuda arquitetada pelo Kremlin visando desestabilizar sua oponente evitando assim sua vitória pode muito bem ser vista como “bem vinda” sem qualquer questionamento ético ou moral. Como afirmou Donald Trump Jr, um dos filhos e também assessores da campanha, toda ajuda – inclusive dos russos – contra a candidatura oponente seria bem vinda¹¹. A intensa investigação em curso que pode inclusive levar a um processo de impeachment¹².

O fim da excepcionalidade americana e a resgate da excepcionalidade russa – As afinidades seletivas entre Trump e Putin

⁹ Cf. por exemplo Goldberg (2009); Michael Mann tem debate detalhado em *Fascistas*, Ed. Record, SP, 2014.

¹⁰ Cf. Discussão de Neiwert (2017).

¹¹ Cf. Reportagem do NYT em < <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-russia-idUSKBN19V2DO> > Acessado em 28/07/2017.

¹² Cf. Andamento do processo em < https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/05/16/will-trump-be-impeached-its-less-likely-than-some-democrats-are-suggesting/?utm_term=.a5166376ae66 > Acessado em 28/07/2017.

Putin e Trump como líderes políticos não são entusiastas do capitalismo, não apostam no livre mercado, nas liberdades individuais ou no regime democrático como horizontes para a solução dos problemas globais. Ao contrário, desconfiam do “livre mercado”, desconfiam da livre circulação de pessoas e falam apenas em democracia quando qualificado nos termos de um discurso nacionalista, com retórica de “lei e ordem” e o capitalismo um conceito caro a Guerra Fria agora é comum a ambos mas também de forma qualificada, Putin e Trump parecem pensar o capitalismo mas não como força econômica abstrata mas como submetido e controlado pelo Estado. Caberia a eles como “líderes fortes” superar as crises próprias do capitalismo.

No caso de Putin sua proposta como vimos é de resgatar e reinserir a Rússia como uma Grande Potência. No caso de Trump há um questionamento quanto aos rumos do poder americano e seu protagonismo na construção da Ordem Pós-II Guerra. Este questionamento leva os EUA a repensar sua política comercial, ambiental, de cooperação internacional bem como os tratados internacionais de cooperação (como a OTAN) e as Organizações Políticas Internacionais (como a ONU). Neste ponto, a Rússia longe de ser um novo aliado estratégico dos EUA, não é diretamente afetada por este reposicionamento, ao contrário, indiretamente pode se beneficiar uma vez que se a OTAN e a ONU forem enfraquecidas, os interesses russos ganham força.

Trump e Putin elegeram um inimigo comum, o terrorismo fundamentalista islâmico cuja melhor face é o já quase destruído Estado Islâmico. E neste ao contrário de outros governos que colocavam o terrorismo islâmico como uma ameaça global, mas com foco na segurança, neste novo contexto a ameaça terrorista ganha força como ameaça identitária. E em ambos os casos se recorre à defesa e revalorização da identidade cristã. Em ambos os casos o discurso nacionalista se sobrepõe há um direcionamento estratégico claro.

Como presidentes que enfrentam uma ameaça identitária ambos apostam na imagem de “homens fortes”¹³ e se aproximam das forças armadas e prometem mais gastos militares. Não desconsideram ataques de grande impacto¹⁴, e no caso de Putin, a presença militar e a prática de exercícios militares são usados como forma de intimidar

¹³ São notórias as fotos oficiais de Putin se exercitando, praticando artes marciais ou testando novos equipamentos do exército russo. E do lado de Trump também são notórias suas declarações e especialmente seus “tweets” recheados de uma retórica misógina e de auto-elogioso.

¹⁴ Alegando atacar alvos estratégicos do Estado Islâmico, Trump ordenou em 14 de abril de 2017 um ataque com uma bomba de 11 toneladas (conhecida como GBU-43-B “a mãe de todas as bombas”) no Afeganistão matando 92 pessoas. Cf. vídeo em < <https://www.theguardian.com/world/2017/apr/15/us-mother-of-all-bombs-moab-afghanistan-donald-trump-death-toll> > Acessado em 27/07/2017.

países, especialmente os países bálticos membros da OTAN (como a Estônia e a Finlândia).

Sem bases ideológicas claras, Trump e Putin fogem da moderação política e de decisões que demonstram reflexão, pesquisa e ponderação. Recorrentemente eles se voltam contra seus aliados, ministros, secretários e assessores. Ao agir dessa forma Putin e Trump sinalizam que “não querem ouvir”, “não querem delegar” e acreditam que apenas eles são capazes de decidir e precisam apenas da legitimidade do voto popular.

Ambos desconfiam da mídia, pois lidam mal com críticas e são sensíveis a mobilização política popular. No caso de Putin o contexto é de domínio e a utiliza para seus fins políticos. Já no caso de Trump a situação é de “guerra declarada”, o presidente americano pessoalmente, ataca ofende e acusa repórteres, redes de TV, e seus críticos de modo geral de “fazer jornalismo falso” e incentiva canais e agências de notícias alternativos, principalmente da internet a assumirem o protagonismo. Outra estratégia de Trump – e que historicamente é uma marca populista – é tentar falar diretamente com o povo mantendo seu eleitorado mobilizado apesar da revelia da mídia mainstream.

A solução Autoritária para a Rússia - Com crescimento econômico, quem precisa de democracia?

Autores como Charles Kupchan (2013) projetam para os EUA uma ordem multipolar sem necessariamente haver hegemonia americana. Seu argumento sustenta-se na ideia de que as teses defendidas por grupos intelectuais como os neoconservadores que defendiam uma política externa intervencionista reconstruindo uma ordem internacional pós- Guerra Fria a partir de mudanças de regime apostando na construção de nações e na democracia como principal arma para uma conjuntura internacional mais pacífica, liberal e ocidental. Todo processo de modernização – como de urbanização, inovação tecnológica e pluralismo político – reforçariam a ideia de Ocidente.

Para Kupchan (2013) são vários os casos que desafiam e que mesmo põe em cheque a tese do “novo século americano” – como defendida por neoconservadores no liminar do século XXI. Há desde desafios da relação entre política e religião como os casos dos Autocratas que conseguem gerar riqueza, focando no interesse nacional sem contudo se preocupar com a natureza das instituições ou mesmo sem defender ou mesmo apresentar alguma simpatia pela ideia de democracia. Casos como a China, dos países do Golfo Pérsico, Irã, Israel são para o autor, casos ou de Autocracias ou de democracias não exatamente liberais/ocidentais. O caso russo em particular, se

caracteriza pela cooptação das elites estabelecendo uma relação hierárquica, que Kupchan classifica como “paternal”, na qual a legitimidade do líder depende de uma equação fundamentalmente com duas variáveis: o sucesso econômico e a manutenção da ordem.

Numa autocracia as decisões econômicas são tomadas de forma mais fácil que numa democracia com liberdades civis, atores econômicos diversificados e pluralismo político. O regime autocrático o governo aprova ou proíbe manifestações, greves e ao mesmo tempo em que alimenta determinada elite, ele também forma e cria a partir de sua escolha uma determinada elite. Neste processo, Pomerantsev (2015) relata vários casos de “ascensão”, “queda”, “perseguição”, “prisão” e “assassinato” de empresários na era Putin.

Segundo Kupchan (2013) a autocracia de Putin foi bem sucedida ao conseguir controlar a inflação em seus primeiros oito anos (2000 – 2008) de governo e com o preço do petróleo em alta conseguiu fazer a economia russa crescer. Nos oito anos seguintes, entre 2008 e 2016, usou do poder para fortalecer seu regime autocrático, usando do aparato do estado para intimidar e perseguir opositores políticos¹⁵, controlar a mídia e controlar as eleições¹⁶. A influência autocrática também se espalhou pelas ex-repúblicas soviéticas. Segundo relatório da Freedom House¹⁷, 11 das 12 repúblicas estão mais autocráticas e menos democráticas.

A autocracia nestes casos funcionam com uma aparência e certa estrutura institucional pautada pela divisão de poderes, de alguma independência dos poderes mas com características próprias de um regime autoritário ou seja, o pluralismo político é limitado, há pouca mobilização política – o governo controla quem, quando e onde pode ocorrer manifestações – e o poder de fato está nas mãos e é exercido por poucos, o

¹⁵ Cf. lista dos presos políticos organizada pelo Institute of Modern Russia em parceria com o International Memorial Board. Cf. <<https://imrussia.org/en/projects/political-prisoners/649-the-list-of-persons-recognized-as-political-prisoners-by-russias-memorial-human-rights-center>> Acessado em 25/07/2017.

¹⁶ Mesmo mantendo a aparência de instituições independentes e em funcionamento, autores como Mikhail Zygar (2016) relata casos de fraudes eleitorais, prisão de líderes políticos de oposição, restrição ou mesmo banimento de partidos políticos além como mostra Applebaum (2013) ao controlar a mídia televisiva russa, o governo Putin chega com facilidade a mais de 95% dos lares russos já a internet, com várias restrições, filtros, e censuras, chega a 70%. Segundo relatório da Freedom House (Cf. em <<https://freedomhouse.org/report/freedom-net/2016/russia#a2-limits>> Acessado em 23/07/2017; a internet na Rússia não pode ser considerada livre e o Kremlin também usa a internet evitando a mobilização e a propaganda anti-russa em países onde há conflitos, como a Ucrânia e na Crimeia.

¹⁷ Cf. relatório completo em <<https://freedomhouse.org/report/special-reports/breaking-down-democracy-goals-strategies-and-methods-modern-authoritarians>> Acesso em 25/07/2017;

grupo mais próximo ao poder é geralmente leal ao líder e por ele escolhido¹⁸. A sombra autoritária nestes casos funcionam bem pois ela permitem uma flexibilidade ideológica. No caso russo, Putin é extremamente flexível em termos ideológicos.

No poder desde 2000, Putin já passou por defensor do Direito Internacional, mesmo invadindo e anexando a Criméia, já tentou ser um articulador diplomático para acordos de paz mesmo depois apoiando Bashar al-Assad e intensificando um conflito que já contabiliza centenas de milhares de mortos. Até mesmo a visão de seu regime em relação ao passado totalitário dos anos mais duros de Joseph Stalin¹⁹ tem aspectos ambíguos. A ideia de uma Rússia que luta contra o terrorismo islâmico se mistura a ideias neofascistas²⁰ que defendem a ideia de um contraponto “Russo- Eurásia” diante da decadência Européia, supostamente dominada pelo multiculturalismo, pelos movimentos LGBT e refém da ameaça terrorista islâmica.

A flexibilidade ideológica também permite uma política externa flexível. Se historicamente Rússia e China disputavam o mesmo espaço vital a partir do final dos anos 1990 a uma aproximação que traduziu-se em acordos de cooperação de diferente ordem²¹. Ambos em paralelo cresceram como atores internacionais com o declínio e crise de atores como os EUA no caso da China e da Europa no caso russo.

Apesar da crise econômica na Rússia – fruto em boa medida da dependência dos recursos fósseis – duas frentes de conflito (Síria e Ucrânia), das dificuldades de se manter o atual poder militar²² e das sanções aplicadas pelo Ocidente, Vladimir Putin – segundo pesquisa da *Pew Center*²³, tem o apoio popular que chega de 80%²⁴ e, apesar de oscilação para baixo, quando a pesquisa foca em temas como “política para Ucrânia” (63% de aprovação) ou “política para os EUA” (73%) ou mesmo de forma geral, quando o tema é “o rumo da Rússia na política internacional” (87%) revelam como

¹⁸ Num contexto autocrático governado por um círculo restrito, teorias conspiratórias crescem, ganham força ao sabor dos humores e do contexto político. Autores como Knight (00) e Pomerantsev (2015) analisam o papel das teorias conspiratórias em sociedades como os EUA e Rússia. Um argumento recorrente é que a conspiração funciona tanto para justificar como para dar sentido a nexos causais em contextos políticos nos quais, nos termos de Pomerantsev: "Nothing Is True and Everything Is Possible".

¹⁹ Cf. < <https://www.rferl.org/a/russia-putin-decries-excessive-demonization-stalin/28559464.html> > Acessado em 25/07/2017.

²⁰ Cf. discussão de Shenfield (2001).

²¹ Alguns exemplos são a Shanghai Cooperation Organization e a Eurasian Economic Union.

²² Segundo dados do Banco Mundial de 2015, a Rússia tem gastos militares que comprometem 5% do PIB, o maior gasto desde do final da Guerra Fria. Cf. Dados em <<http://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS>> Acessado em 25/07/2017.

²³ Cf. Pesquisa na íntegra em <<http://www.pewglobal.org/2017/06/20/president-putin-russian-perspective/>> Acessado em 25/07/2017.

²⁴ Cf. Discussão sobre popularidade de Putin em <<http://www.telegraph.co.uk/news/2017/06/22/overwhelming-majority-russians-support-putins-handling-world/>> Acessado em 23/07/2017.

Putin e sua autocracia não só sabem como se manter no poder, mas também para além de sua própria sobrevivência, passam a pensar a política internacional, buscando fortalecer aliados e destruir inimigos.

Com estabilidade política apesar da crise econômica, o regime de Putin tem apresentado uma estratégia recorrente para inicialmente lidar com a oposição russa mas também para lidar com opositores em países da zona de influência do Kremlin. Esta estratégia se sustenta numa espécie de Guerra de Informação na qual Putin não quer “ganhar corações e mentes” como diziam os americanos em tempos de Guerra Fria, mas apenas mostrar que o outro lado é tão ruim, tão sujo quando supostamente eles, os russos ou os por ele apoiados. Esta ideia é sintetizada por Puddington (2017) como uma estratégia de distorcer, deformar até mesmo paralisar o debate público sem, no entanto, gerar uma alternativa, sem assimilar ou absorver as consequências. Caminhando a passos de “dividir para dominar” na Rússia o governo conseguiu controlar a mídia e a internacionalmente há tanto a *Russian Television International*²⁵ com programação 24h e com programas em dezenas de línguas. Há também agências de notícias como o Sputnik International²⁶ que se coloca como fonte de alternativa de informações não só sobre a Rússia, mas sobre a política internacional. Há também bolsas de estudos e centros de pesquisas que oferecem bolsas competitivas visando atrair pesquisadores interessados em trabalhar na Rússia²⁷.

Todo este conjunto de ações forma uma espécie de Soft Power da Rússia que pode muitas vezes parecer como uma alternativa ou mesmo resistência a todo aparato de espionagem, vigilância, monitoramento, guerra cibernética por parte dos EUA, contudo, na prática, a estratégia do governo Putin é autoritária, centralizadora, no limite, ele pretende ter a mídia sob seu controle, e usá-la para controlar a conter as mobilizações da sociedade civil, bem como minar alternativas políticas a seus planos. Na Rússia dos entre 2000 e 2017 tem sido exatamente isso que é feito.

O que se destaca – como veremos – é como um regime autocrático, como de Putin se utiliza de ferramentas e liberdades democráticas e liberais para construir sua própria agenda, influenciando e pouco a pouco, alimentando um recrudescimento de regimes, líderes e partidos que vão de democratas não liberais, até neofascistas passando

²⁵ Cf. em < <https://www.rt.com/> > Acessado em 27/07/2017.

²⁶ Cf. em < <https://sputniknews.com> > Acessado em 27/07/2017.

²⁷ Cf. Reportagem sobre o tema em < <https://themoscowtimes.com/articles/russian-academies-struggle-to-attract-top-talent-51709> > Acessado em 27/07/2017.

por candidatos de plataforma nacionalista ou que simplesmente possam ter plataformas, como por exemplo, uma bandeira anti- União Europeia²⁸, que interessam a Rússia.

Crise/ Oportunidade - Rússia no (contra-)Ataque

Putin toma uma decisão e a executa com rapidez. Depois o resto reage. Isso é o que pode-se chamar de líder.²⁹ Rudy Giuliani (na Fox News em 04/02/2017)

Em 2014 os preços do petróleo e do gás sofreram uma forte crise, a 2ª num intervalo de sete anos, afetaram diretamente a Rússia mas não a ponto de evitar uma escalada do conflito com a Ucrânia. Em 2015 tivemos um crise migratória com mais de um milhão de pedidos de asilo nos países da União Europeia, além de imigrantes motivados pela crise econômica e em fuga de conflitos como na Síria e da ameaça do Estado Islâmico atuando em diferentes países do Mundo Muçulmano. A crise humanitária somada à crise política num contexto de enfraquecimento da economia global apenas acentuaram a percepção que a própria democracia estava em crise. Segundo Think Thanks como a Freedom House que estabelecem critérios para avaliar e ranquear os países por critérios liberais, democráticos³⁰, a democracia esta em declínio no mundo desde 2005/2006.

Foi neste contexto de crise a Rússia passou a intensificar suas estratégias de contrapropaganda, espionagem e guerra cibernética com objetivo de enfraquecer possíveis governos hostis e para fortalecer possíveis governos aliados, influenciando nas eleições e na opinião pública de países estrangeiros. A estratégia ganhou destaque ao em 2016 observarmos um fenômeno que a mídia classificou como “a virada populista global³¹”

A ascensão populista afetou países como Hungria, Polônia, Republica Tcheca, Sérvia, Áustria, França, Holanda, o Reino Unido e os EUA. Nem em todos os casos o candidato populista – ou pelo menos “não liberal” – foi o vitorioso, mas em países como Áustria, Holanda e França, candidatos populistas tiveram chances reais de vitória se qualificando como a principal força de oposição. Ao mesmo tempo, regimes

²⁸ É o caso, por exemplo, do partido de esquerda *Syriza*, ou os partidos ingleses pró - saída da União Européia como o *UK Independence Party*.

²⁹ No original: “Putin makes a decision and he executes it, quickly. And then everybody reacts. That’s what you call a leader.”

³⁰ Ver como a Freedom House cria seus relatórios e ranques em < <https://freedomhouse.org/our-work> > Acessado em 24/07/2017.

³¹ Cf. por exemplo < https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/12/19/the-global-wave-of-populism-that-turned-2016-upside-down/?utm_term=.78fa2bfa1e2 > Acessado em 26/07/2017.

autoritários passaram a cooperar e compartilhar estratégias antiliberais buscando se fortalecer como é o caso da Venezuela, Filipinas, China, Turquia, Arábia Saudita, Irã.

A estratégia de Putin ao financiar partidos europeus e disponibilizar seu Soft Power a serviço da Guerra de Informação, busca apoiar candidatos e plataformas que se apresentam como *alternativa* a ordem política (liberal, pró - EUA, pró - União Europeia) e não simplesmente como um plataforma de oposição mas inserida no *status quo* político. Neste ponto os partidos ou candidatos podem ter perfis mais a direita ou à esquerda, podem ser nacionalistas ou internacionalistas. Segundo relatório da Freedom House³² a Hungria seguido da Polônia e da Eslovênia são os países prioritários em todos eles partidos nacionalistas estão consolidados no poder e avançam em reformas de perfil autoritário em rápida velocidade. Em termos de partidos políticos, destaca-se: A Frente Nacional (França); Liga Norte (Itália); Democratas Suecos (Suécia); Partido pela Independência do Reino Unido (Inglaterra) e Partido da Liberdade (Holanda)³³. Todos são partidos de perfil nacionalista, com plataforma conservadora (não necessariamente liberal) que apresentam em comum:

- Ênfase na identidade nacional e na soberania;
- Rejeição a União Europeia;
- Propõem uma revisão história e resgates de elementos nacionalistas na política doméstica;
- Plataformas de política externa por um recorte étnico-nacionalista;
- Simpatia por Vladimir Putin seja como exemplo de “líder” ou como exemplo de governante que resgata um país como “grande potência”;
- A influência russa nas eleições americanas.

Conclusões

O que pretende a Rússia de Putin num contexto de crise democrática no Ocidente? Num primeiro momento sua estratégia geral é fortalecer uma oposição não liberal a União Europeia podem a curto – médio prazo minar e desestabilizar politicamente a Europa. A estratégia de “Soft Power Autoritário” tem sido eficaz para a agenda de Putin. Ela cria uma dinâmica de baixo custo, fácil controle e com bons

³² Cf. Relatório em < <https://freedomhouse.org/report/special-reports/breaking-down-democracy-goals-strategies-and-methods-modern-authoritarians> > Acessado em 27/07/2017.

³³ Destes partidos segundo relatório Freedom House supracitada, o Partido da Liberdade holandês é o melhor afinado aos interesses russos.

retornos. Nos termos de Schenkkan (2007, p. 56): “A Ascensão da política populista nas democracias pode dar aos regimes autoritários modernos um novo sopro de vida³⁴”. Ao usar como tática uma “guerra de propaganda”, se esta apenas alimentando uma tensão política que pode ou não desestabilizar o país.

Ao gerar esta tensão política, os atores políticos do status quo precisam reagir, e ao fazer podem eventualmente se expor e perderem as eleições. Funcionou por exemplo no caso do plebiscito sobre a saída do Reino Unido da União Europeia e quase funcionou em países como Áustria e França cenários nos quais o candidato de perfil nacionalista / populista foi ao segundo turno mas acabou perdendo³⁵. Nos casos mais próximos da zona de influência russa a guerra de informação funciona com três objetivos: 1) Denunciar – e ao mesmo tempo justificar intervenções – perseguições, humilhações ou perseguição política a populações de língua ou etnias russas. 2) Denunciar e propagar planos e conspirações ocidentais (especialmente dos EUA) contra a Rússia) destacando como ONGs e opositores políticos do Kremlin participam destes planos e conspirações. 3) Criar senso de normalidade diante de tensões e levantes que surjam na sociedade civil ou de resultados eleitorais que possam ser questionados³⁶.

Em linhas gerais a crise política da Europa e do Ocidente ou da Democracia de forma mais ampla servem ao modelo autocrático de Putin como uma oportunidade para tentar controlar a sociedade civil russa, minando o pluralismo político, controlando a liberdade de imprensa criando assim um modelo de *Democracia Não Liberal* que não só serve como Soft Power numa estratégia de expansão e resgate da Grande Rússia como serve taticamente em situações de conflito seja no Cáucaso, nos Bálcãs ou Ásia Central. Putin percebeu que ao construir na Rússia uma Autocracia era possível minar democracias ocidentais ou as ideias liberais sem necessariamente dominar, invadir ou propor uma nova Guerra Fria mas simplesmente minando e influenciando as disputas eleitorais. Com a vitória de candidatos não liberais, rapidamente a oposição nestes países sobre um grande abalo. Com a oposição enfraquecida, ou destruída, a democracia liberal esta em cheque.

³⁴ No original: The rise of populist politics in democracies could give modern authorities a new lease on life”

³⁵ No caso Francês foi uma derrota incontestável mas no caso austríaco foi uma disputa se estendeu com recontagens terminando com um vitória com diferença inferior a 350 mil votos que derrotou o candidato do Partido da Liberdade Austríaca.

³⁶ Em países da Ásia Central alguns líderes autocráticos se submetem a eleições, mantendo uma aparente manutenção da democracia e do pluralismo político mas saem das urnas com 80% ou mais dos votos gerando desconfianças e críticas. Cf. por exemplo caso do Azerbaijão e Bielorrússia nas eleições dos últimos 10 anos. Dados disponíveis em : The False Promise of Populism (2017).

E na relação direta entre Putin e Trump nos parece claro que o líder russo tem pouco ou nada a perder ao parir para o ataque com seu Soft Power autoritário, já o estrago de Trump para a democracia americana pode ser um fardo difícil para os próximos governantes. No balanço geral, apesar da fragilidade russa e dos regimes autocráticos em geral, são eles que estão hoje mais fortalecidos na mesma medida em que a ideia de Ocidente, ou mesmo de democracia, estão em crise. Nesta conjuntura, tal como apresentamos na introdução, segundo Friedman, se os EUA são ainda uma nação em termos geopolíticos, “adolescente”, talvez Donald Trump seja uma inflexão decisiva para seu amadurecimento.

Referências Bibliográficas

- Chip B.; L., Matthew N.. Right-Wing Populism in America: Too Close for Comfort. NYC: The Guilford Press;, 2000.
- J. Goldberg. Liberal Fascism: The Secret History of the American Left, From Mussolini to the Politics of Change. NYC: Crown Forum;, 2009.
- L. Diamond; (ORG), Marc F. Plattner Christopher Walker. Authoritarianism Goes Global: The Challenge to Democracy. NYC: Johns Hopkins University Press, 2016.
- M. Rivkin-Fish; TRUBINA, E. Dilemmas of diversity after the cold war: Analyses of “Cultural Difference” by U.S. and Russia-Based Scholars. Washington D.C.: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2010.
- P. Pomerantsev. Nothing Is True and Everything Is Possible: The Surreal Heart of the New Russia. NYC: PublicAffairs;, 2015.
- A.PUDDINGTON,. Illiberal Democracies. In: Breaking Down Democracy: Goals, Strategies, and Methods of Modern Authoritarians., [S.L], jun. 2017. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/special-reports/breaking-down-democracy-goals-strategies-and-methods-modern-authoritarians>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- APPLEBAUM, A. VLADIMIR’S TALE. New York Review of Books, [S.L], abr. 2012. Disponível em: <<http://www.anneapplebaum.com/2012/04/26/vladimir%E2%80%99s-tale/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- ARON, ; R, . Paz e guerra entre as nações.. [S.L.]: UnB, 2002.
- CFR. The president’s inbox. Disponível em: <<https://www.cfr.org/podcasts/meeting-putin>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- DESMOND, ; , H.J.. The Know-Nothing Party. San Francisco: CreateSpace, 2012.
- DESMOND, ; , H.J.. The know-nothing party. San Francisco: CreateSpace, 2012.
- FENTON, Siobhan. Russian politician accuses Donald Trump of 'Russophobia' after Michael Flynn's resignation over links to Kremlin. .independent.co, [S.L], mar. 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/donald-trump-russophobia-russia-politician-konstantin-kosachev-michael-flynn-resign-kremlin-links-a7578966.html>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- FREEDOM HOUSE. Breaking Down Democracy: Goals, Strategies, and Methods of Modern Authoritarians.. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/special->

- reports/breaking-down-democracy-goals-strategies-and-methods-modern-authoritarians>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- FREEDOM HOUSE. Nations in Transit 2017: The False Promise of Populism. Disponível em: <www.freedomhouse.com>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- FRIEDMAN, G. Os próximos 100 anos: Uma previsão para o século xxi. [S.L.]: Best Business, 2009.
- FRIEDMAN, Uri. What Is a Populist? And is Donald Trump one?. The Atlantic, [S.L], fev. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/02/what-is-populist-trump/516525/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- FRUM, D.. How to Build an Autocracy. The Atlantic, [S.L], mar. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/03/how-to-build-an-autocracy/513872/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.
- FUKUYAMA, F. The end of History and the Last Man. Macmillan, Inc. (New York). 1992.
- GERSON, M. The conservative mind has become diseased. The Washington Post, [S.L], mai. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/the-conservative-mind-has-become-diseased/2017/05/25/523f0964-4159-11e7-9869-bac8b446820a_story.html?utm_term=.02743ffcb68>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- HOFSTADTER, Richard. The paranoid style of American politics. NYC: Vintage books, 1964.
- KANNAN, H. O fim da História e o último homem. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1451/1224>>. Data de acesso: 04 de maio de 2017.
- KNIGHT, J., P.. Conspiracy Culture. NYC: Routledge, 2001.
- KULIKE, M; AGUILAR, S. Rússia e Política de Influência. Série: Conflitos Internacionais, n.1, 2014. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/n01-----russia-e-politica-de-influencia.pdf>>. Data de acesso: 04 de maio de 2017.
- KUPCHAN, C.A.. No One's World: The West, the Rising Rest, and the Coming Global Turn. NYC: Oxford University Press, 2013.
- LICHTMAN, J.; A.J., . White Protestant Nation: The Rise of the American Conservative Movement. NYC: Grove Press, 2009.
- LIPSET, et al. The radical right, The new American right. NYC: Doubleday & Company, 1963.
- MARTEN, et al. Cultural and Linguistic Minorities in the Russian Federation and the European Union. Londres: Springer, 2015.
- N.SCHENKKAN, . The Baltic's: Stability or Stagnation?. In: The False Promise of Populism, [S.L], jun. 2017.
- NEIWERT, D., . Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump. NYC: Verso, 2017.
- PATRICK, S. M.. Trump in Warsaw: Introducing "Nationalist Internationalism". Blog da CFR, [S.L], jul. 2017. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/trump-warsaw-introducing-nationalist-internationalism>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- PEW RESEARCH CENTER. The Global Divide on Homosexuality. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2013/06/04/the-global-divide-on-homosexuality/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- PRESIDENT PUTIN: THE RUSSIAN PERSPECTIVE. Pew Research Center. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2017/06/20/president-putin-russian-perspective/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

- SEGRILLO, A. Rússia. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.
- SESTANOVICH, S. *Maximalist: America in the World from Truman to Obama*. NYC: Vintage, 2014.
- SHENFIELD, S., . *Russian Fascism: Traditions, Tendencies and Movements*. NYC: Routledge, 2001.
- SUNY, R. Ascensão e queda da União Soviética: O império de nações. *Lua Nova*, São Paulo, 75: 77-98, 2008.
- STIGLITZ, J. The ruin of Russia. *The Guardian*, [S.L], abr. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2003/apr/09/russia.artsandhumanities>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- THE PEW RESEARCH CENTER. Russians Return to Religion, But Not to Church. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2014/02/10/russians-return-to-religion-but-not-to-church/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- TIME MAGAZINE. Populism: The Rise of This Political Trend in Europe. Disponível em: <<http://time.com/time-person-of-the-year-populism/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- TOLZ, V.. *Russia*. Londres: Bloomsbury Academic, 2010.
- TSONCHEV, T. S. THE KREMLIN'S NEW IDEOLOGY. Canadá: The Montréal Review, January 2017. Disponível em: <<http://www.themontrealreview.com/2009/The-Ideology-of-Vladimir-Putin-Regime.php>>. Data de acesso: 04 de maio de 2017.
- WASHINGTON POST. The global wave of populism that turned 2016 upside down. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/12/19/the-global-wave-of-populism-that-turned-2016-upside-down/?utm_term=.66429de78f12>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- WINSTEIN, J.. *The long detour: The History and Future of the American Left*. NYC: Westview, 2003.
- ZYGAR, M.. *All the Kremlin's Men: Inside the Court of Vladimir Putin*. NYC: Public Affairs, 2016.